

O DESENVOLVIMENTO DE ALUNOS LEITORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DURANTE A FORMAÇÃO ACADÊMICA

Tauam Marques Pinheiro (1); Priscila Dantas Fernandes (2)

(1) *Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: tauam.marques@gmail.com* (2) *Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: p.d.fernandes01@gmail.com*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o hábito de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a influência da vida acadêmica nessa prática. Nós entendemos a alfabetização como um complexo processo de aquisição da leitura e escrita que servirá de base e mediação para o aprendizado dos estudantes desde seus primeiros anos escolares até o fim de suas vidas e, portanto, responsável direta pelos problemas de maus hábitos de leitura dos estudantes universitários. Um aluno que foi adequadamente alfabetizado e se tornou um adulto leitor terá um vocabulário vasto, conhecimento sobre os possíveis assuntos que precisarão ser abordados mais profundamente durante o curso, prática em se organizar e separar tempo para ler, além de ter a leitura como parte da sua rotina, todas essas qualidades farão do estudante uma pessoa mais preparada para lidar com a quantidade de textos que vai encontrar ao ingressar na faculdade. Para atingir o objetivo deste artigo, aplicamos questionários com perguntas abertas e fechadas, para alunos de diversos períodos, mas focalizando em três momentos específicos da formação acadêmica (o primeiro período, alunos do meio do curso entre o quarto e quinto período e alunos que estão em seu último período) para assim podermos ver se existe algum desenvolvimento do hábito de leitura. Os resultados mostraram que apesar dos alunos do início do curso lerem menos do que os que estão há mais tempo, não existe uma grande diferença entre o que estão no meio do curso e os que estão terminando a graduação.

Palavras-chave: Leitura, Pedagogia, Alfabetização.

Introdução

O terceiro período do curso de Pedagogia da UFS abrange metade das disciplinas direcionadas a leitura e alfabetização. Durante as aulas da disciplina "Linguística Aplicada à Alfabetização" surgiu um questionamento sobre a prática de leitura dos estudantes do curso: o quantitativo de leituras que era sugerido pelos professores ao longo do curso ajudava-os a criar o hábito para leitura? A partir disso, decidimos investigar essa hipótese.

Partimos da concepção de leitura afirmada por Cagliari (2007, p.148), que a "extensão da escola na vida das pessoas", é um processo de decifração da escrita que permite o entendimento do texto para que se possa refletir e criar sua própria opinião sobre ele. Esse processo é possível graças a alfabetização, a capacidade de entender a utilização da língua e de que forma é estruturada (LOPES, 2010).

Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar o hábito de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da UFS e a influência da vida acadêmica nessa prática. Neste artigo discutiremos sobre Alfabetização e Letramento; depois apontamos

como os dois temas estão diretamente relacionados com a leitura na vida acadêmica. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica na qual reunimos autores que concordam com essa afirmativa e que mostram a importância de um processo de alfabetização de qualidade para a formação de um graduando que tem o hábito de leitura. Aplicamos também questionários com alunos do curso em questão.

Alfabetização e Letramento

Vivemos em uma sociedade globalizada, informatizada e conectada por uma rede de informações; desde recém-nascidos, na zona rural ou em uma megalópole, temos contato diário com signos gráficos, alfabéticos e numéricos, vindos do mundo todo, produzimos e consumimos informação através desses signos, registramos nossa cultura através da grafia, guardamos segredos, fazemos listas, anotamos memórias, criamos histórias, somos uma sociedade grafocêntrica, até a nossa história, ensinada nas escolas, tem seu marco inicial com o surgimento da escrita, o que aconteceu antes disso são fatos pré-históricos.

Em uma sociedade grafocêntrica, a alfabetização é a base do aprendizado da criança em todas as fases de sua educação, estando presente em boa parte das atividades escolares e funcionando como a mediadora entre o aluno e sua formação escolar (ALLIEND, 2005). O Dicionário Aurélio de Português Online¹ (2017) fala que alfabetização é “ação de alfabetizar, de propagar o ensino da leitura” e por alfabetizar quer dizer “ensinar a ler”, o senso comum fala sobre a criança alfabetizada que ela já sabe ler e escrever. Magda Soares (2010, p.15) define a alfabetização como o “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”.

Entendemos, então, que a alfabetização é um processo de aquisição da capacidade de compreender e reproduzir os signos linguísticos da sociedade em que o alfabetizando vive. Segundo Cagliari (2007, p.151), a leitura e escrita atuam a partir da convencionalidade social, a escrita atua pelo que foi convencionalizado para que se pudesse representar graficamente os signos (a escrita) e a leitura não só é a convencionalidade da representação linguística como também é guiada pelos “elementos culturais, ideológicos e filosóficos do leitor”. Portanto, ler e escrever (ser alfabetizado) não é apenas a representação de fonemas e grafemas - visto que não se escreve como se fala nem se fala como se escreve - nem um processo apenas de expressão e compreensão de significados (SOARES, 2010). A alfabetização e o ser alfabetizado é um processo múltiplo e complexo, que não depende de uma ou duas

¹ Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/alfabetizacao>>. Acesso em: 05 set. 2017.

habilidades, mas de um conjunto de habilidades desenvolvidas pelo indivíduo. O que caracteriza a pessoa ser ou não alfabetizada vai muito além da capacidade de representação gráfica, tem a ver com a sociedade, o grupo em que o alfabetizando se encontra; falar que uma criança é “analfabeta” vai depender bastante de onde ela se encontra e do que se convencionou necessário para caracteriza-la como alfabetizada ou não.

Entendendo a alfabetização como um processo de aquisição do código escrito e sabendo que o aperfeiçoamento do domínio da linguagem materna acontece por toda a vida, não parece correto usar o termo alfabetização para essas etapas tão distintas. Uma pessoa pode ser alfabetizada, mas não compreender as instruções de um manual ou a ironia de uma frase entre aspas, assim como uma criança não alfabetizada pode falar expressões e gírias presentes em um texto que um adulto leu para ela mostrando que ela possui artifícios para utilizar a linguagem oral letrada mesmo não tendo sido alfabetizada (KLEIMAN, 1995). Para definir o indivíduo capaz de conviver e assimilar as diferentes maneiras que a linguagem se manifesta em seu meio social foi introduzida, na década de 1980, ao vocabulário acadêmico brasileiro a palavra letramento:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2010, p. 39-40).

Então a alfabetização e o letramento são dois processos distintos adquiridos pelas crianças para que elas possam entender e se fazerem entendidas no universo gráfico da sociedade em que vive pois, de acordo com Angela Maria Barreto (2006, p. 63), ainda que a leitura seja uma ação que singulariza o sujeito “toda prática de leitura é feita num quadro social” ela sempre será uma troca de experiência pois o texto será mediador de uma interação entre o autor e o leitor.

Leitura e formação acadêmica

O processo de formação de crianças leitoras, e posteriormente adultos leitores, é facilitado quando elas estão inseridas, desde o início de sua alfabetização, em um ambiente com uma variedade de estímulos para o desenvolvimento da leitura e escrita que permite o contato com os mais diversificados gêneros textuais utilizados pela sociedade (ALLIEND, 2005). Além disso, crianças que desde cedo tem em sua casa contato com livros, cadernos, lápis e canetas encontram na escola, não um mundo novo, mas

uma extensão do seu cotidiano, um ambiente natural (CAGLIARI, 2007).

Cagliari (2007) afirma que a maioria dos problemas que os alunos encontram até mesmo na pós-graduação são oriundos de um mal processo de alfabetização. Um estudante que não teve durante sua vida escolar o contato com os mais variados tipos de textos utilizados na sociedade em que vive terá grande dificuldade em compreender, interpretar e analisar os conteúdos dos livros acadêmicos que ele for utilizar na universidade.

Uma das principais dificuldades que o estudante não leitor vai encontrar ao ingressar no ensino superior será a própria falta do hábito de leitura. A demanda por leitura na universidade é muito maior que o que ele encontra no ensino médio ou da leitura por prazer, vários livros e artigos precisam ser lidos por semana apenas para as disciplinas de formação sem contar a pesquisa, extensão ou complemento para entender a disciplina que ele venha ter alguma dificuldade; um estudante não leitor que não organiza no seu dia tempo para fazer uma leitura de lazer terá dificuldade em separar tempo para a leitura obrigatória.

Outro problema encontrado pelo aluno não leitor será o vocabulário menos vasto que o de um aluno leitor, durante suas leituras muitas vezes ele terá que parar para procurar o significado das palavras que desconhece para facilitar a compreensão do texto ou se não conseguir fazer isso por dedução pelo contexto seguirá a leitura sem compreender bem o que está sendo lido; esse estudante também poderá encontrar problemas no conteúdo estudado em sala de aula, se ele não lê diariamente jornais, revistas, notícias e outros livros muitos assuntos abordados durante sua formação serão completamente novos para ele enquanto que para outros alunos o conceito geral do que está sendo estudado já foi visto em alguma leitura anterior. Esses problemas enfrentados pelo aluno que não tem o hábito de ler podem deixar a leitura lenta e cansativa, enfadando e entediando o aluno não leitor muito rapidamente.

Segundo Mary Kato (2007), um leitor habitual realiza sua leitura de forma ideográfica, ou seja, ele não lê as palavras desconstruindo letras e sílabas, mas observa a palavra como um todo, como quando se observa o contorno de um objeto e logo sabe-se qual objeto é esse que foi desenhado. Quando falamos em leitura, entendemos o que Cagliari (2007, p. 155) diz como “manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocado em forma de escrita” e para que essa leitura ideográfica seja realizada é preciso conhecer a palavra e tê-la internalizado. Logo, um estudante que lê habitualmente e possui um vocabulário extenso terá muita facilidade em ler rapidamente e com fácil compreensão os textos, artigos e livros indicados pelos professores na faculdade.

Uma leitura realizada por um estudante leitor acontecerá de maneira que ele tende a

antecipar as palavras que virão, seguida por um ato de confirmação (KATO, 2007). Conforme Goodman (1969, p. 37), nesse caso a leitura é um “jogo psicolinguístico de adivinhação”. Durante a leitura, o estudante ao deparar-se com uma palavra que não esteja em seu vocabulário visual poderá fazer processo de análise e síntese da palavra em pedaços menores, porém as vezes esse processo não é necessário pois a compreensão da palavra desconhecida acontecerá pelo entendimento do contexto em que ela surge. Então, de acordo com Kato

Podemos dizer que a velocidade e precisão com que uma palavra é percebida, ou lida, depende: a) de a palavra estar registrada no léxico visual pela frequência com que o leitor já foi exposto a ela e por ter a ela acoplado no seu sentido; b) do conhecimento de regras e imposições fonotáticos-ortográficas, sintáticas, semântico-pragmáticas, colocacionais e estilísticas a que a palavra está sujeita e do uso adequado e suficiente dessas restrições para prever e confirmar sua forma e conteúdo e c) da capacidade de raciocínio inferencial do leitor, que lhe permite também antecipar ainda itens ainda não vistos (KATO, 2007, p. 39)

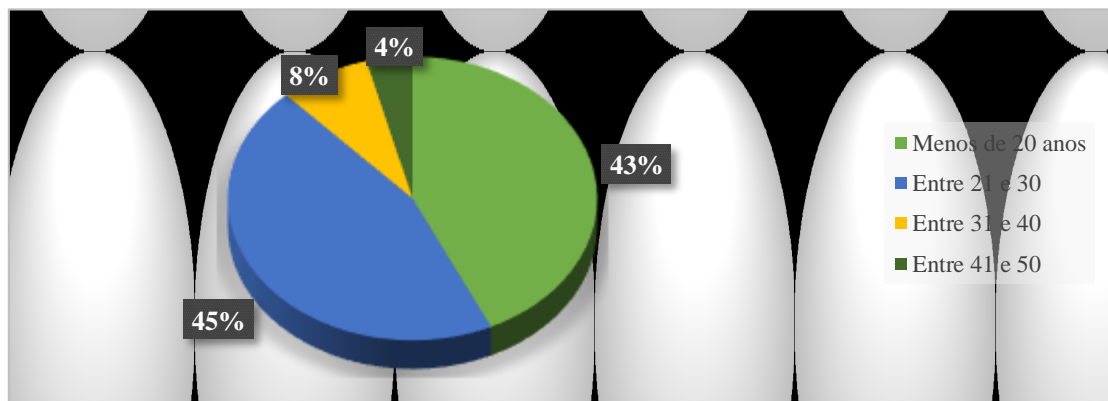
Portanto, um aluno que foi devidamente alfabetizado será um leitor com um vocabulário extenso, com leitura rápida e sem muitas pausas, proativo que está habituado a ler por prazer e a procurar livros que possam complementar ou ampliar seu interesse por algum assunto sem que seja preciso a indicação do professor ou alguma obrigação acadêmica.

Discussão e análise dos dados

No intuito de alcançar o objetivo do trabalho - analisar o hábito de leitura dos estudantes e a influência da vida acadêmica nessa prática -, foram aplicados 76 questionários com alunos do curso de Pedagogia da UFS.

As perguntas foram divididas entre perguntas objetivas e abertas nas quais procuramos saber o sexo; idade; ano de ingresso na UFS; tipo de escola durante a alfabetização; frequência do contato com livros na infância (e em caso positivo se conseguia recordar quais livros); se possuía o hábito de ler (quais materiais costumava ler); quantitativo e tipo de leitura por ano; quantitativo de leitura acadêmica, além dos indicados pelo professor; dificuldades em compreender os assuntos abordados nos livros indicados nas disciplinas; e por fim, se o quantitativo de leitura na universidade contribuía para formação como leitor. Para tanto, apresentaremos os dados em forma de gráficos e depois, discutiremos os resultados.

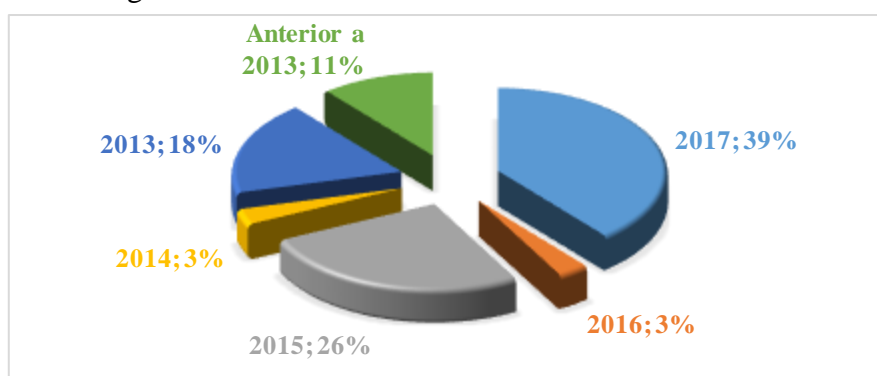
Gráfico 1 - Idade dos estudantes



Fonte: Elaboração dos autores

Dos 76 alunos que responderam ao questionário a grande maioria era mulher, 69 alunas e 7 alunos, com idade inferior a 30 anos. 33 alunos tinham menos de 20 anos e 34 tinham entre 20 e 30 anos de idade.

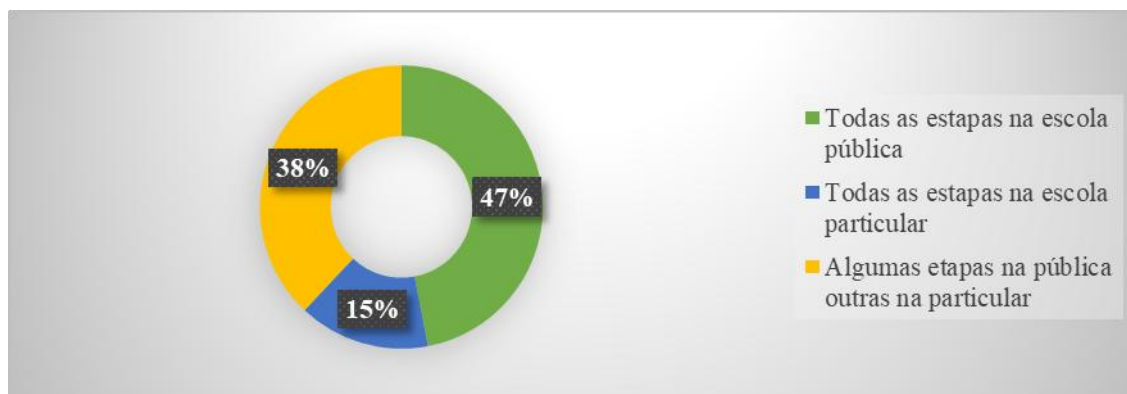
Gráfico 2 - Ano de ingresso na UFS



Fonte: Elaboração dos autores

Como o objetivo da pesquisa era não só ter um panorama do hábito de leitura dos estudantes, mas também observar se havia um desenvolvimento desse hábito ao longo dos anos entregamos o questionário a alunos que ingressaram na UFS nos mais variados anos, mas mantivemos nosso foco nos alunos recém-chegados, na turma que já concluiu metade do curso e uma turma que já está para concluir a graduação em pedagogia. Então o gráfico mostra a porcentagem do ano de ingresso de cada aluno que respondeu o questionário.

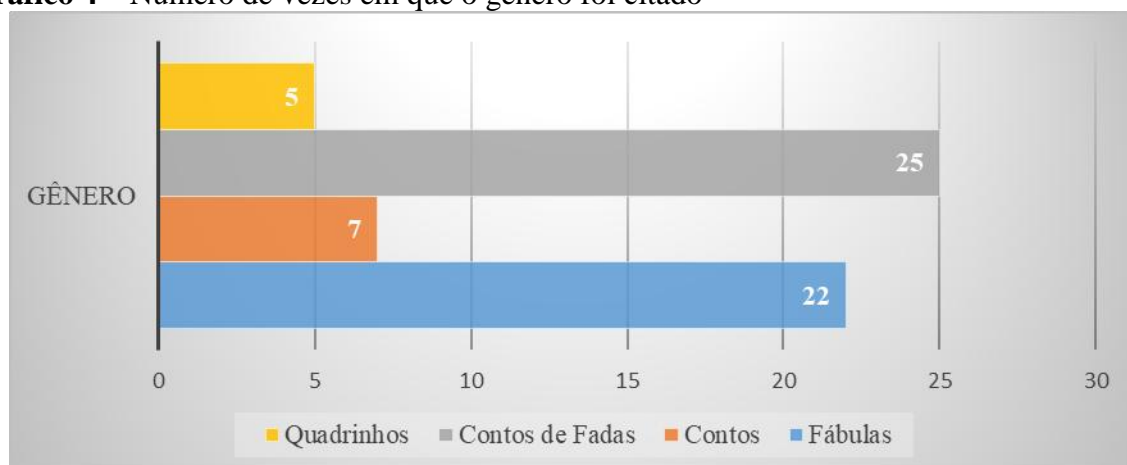
Gráfico 3 - Onde estudou durante a educação básica



Fonte: Elaboração dos autores

Quase a metade dos estudantes, 31 deles, estudaram todos os anos escolares em escolas públicas e 16 estudaram somente em escolas particulares. Dos 29 estudantes pesquisados que estudaram tanto em escolas públicas quanto em particulares 21 foram alfabetizados em escolas particulares e terminaram o ensino médio em escolas públicas. Além de saber onde os alunos foram alfabetizados nós também achamos importante perguntar se eles tiveram contato com livros infantis durante sua alfabetização e que, em caso positivo, nos dissesse quais materiais eles leram nessa época. Foram 64 respostas afirmativas a essa pergunta e desses alunos 54 citaram os livros que lembravam de ter lido quando criança.

Gráfico 4 – Número de vezes em que o gênero foi citado



Fonte: Elaboração dos autores

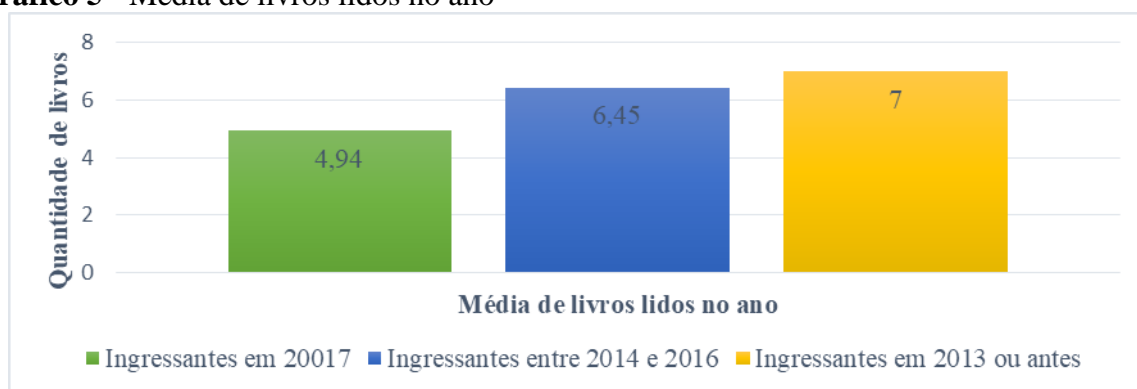
A maioria dos alunos citaram mais de um gênero, porém contos de fadas e fábulas foram os mais citados. A bíblia, cartilhas e poesias foram citadas 3 vezes cada, revistas, histórias de folclore e teatro foram citadas 1 vez cada, mais de uma vez o termo “conto de fadas” e “livros de contos” vinham na resposta da mesma pessoa o que nos fez colocar os dois como resultados individuais no gráfico. Por curiosidade nós procuramos os livros citados

pelos alunos e encontramos 11 livros de 10 autores brasileiros², além dos quadrinhos da Turma da Mônica³ que foram citados 3 vezes. A grande maioria dos livros citados eram contos de fadas das princesas Disney⁴ ou fábulas. Adaptações de livros adultos como "O Corcunda de Notre Dame" e "Os Miseráveis"⁵ além de "Dom Quixote"⁶ também foram citados.

Na pergunta seguinte, queríamos saber se os alunos possuíam o hábito de leitura no ensino superior, e quais materiais liam⁷. Dos 83% estudantes que disseram que tinham o hábito de leitura; 81,08% liam livros; 24,32% liam revistas; 21,62% liam artigos, 18,91% liam jornais, 10,81% liam artigos de internet, 7,4% liam histórias em quadrinho; assim, a média de leitura anual dos estudantes foi de 5,76 livros.

Na tentativa de conhecer o aumentativo ou diminutivo na quantidade de leitura entre os alunos ingressantes e os que estão finalizando o curso, fizemos o cálculo de média separando por três grupos. O grupo de ingressantes, outro grupo com alunos no meio do curso e um último grupo com alunos que já está no final do curso.

Gráfico 5 - Média de livros lidos no ano



Fonte: Elaboração dos autores

Podemos notar que no decorrer do curso os alunos passam a ler mais: os alunos da turma de 2013 ou anterior chegam a ler 2,06 livros a mais que os alunos que ingressaram em 2017, um aumento de 41,7% de livros lidos por ano. Essa diferença não é tão grande quando comparamos a turma de concluintes com os alunos que ainda estão no meio do curso, o que revela que o aumento da quantidade de livros lidos acontece de maneira mais acentuada

² Ana Maria Machado, Cecília Meireles, José Emílio Braz, José Lins do Rego, José Mauro de Vasconcelos, Maria Betty Coelho Silva, Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Silvia Orthof e Viriato Correa.

³ De autoria de Maurício de Souza.

⁴ Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel, A Pequena Sereia, Bela Adormecida.

⁵ Autoria de Victor Hugo.

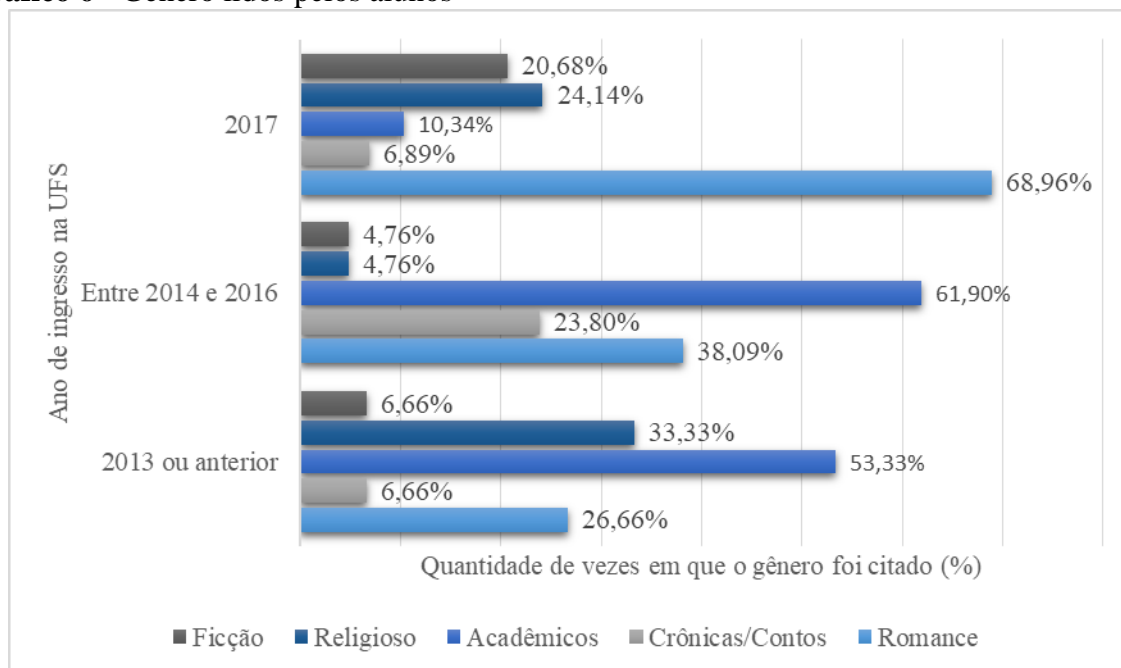
⁶ Autoria de Miguel de Cervantes.

⁷ Para saber quais materiais os alunos tinham costume de ler deixamos a resposta em aberto.

quando o aluno ingressa na faculdade e precisa dar conta da alta demanda de conteúdo exigido para sua formação.

Os gêneros lidos pelos alunos também foram de nosso interesse. Eles são dos mais variados, mas com certas acentuações em alguns gêneros literários de acordo com o grupo em que se encontravam. No próximo gráfico mostraremos a porcentagem de vezes em que cada gênero foi citado pelos alunos de cada um dos três grupos analisados.

Gráfico 6 - Gênero lidos pelos alunos

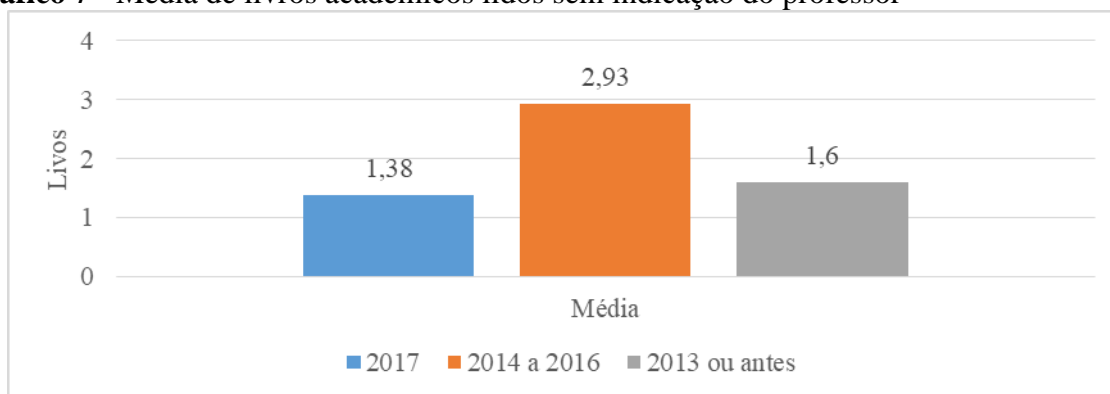


Fonte: Elaboração dos autores

Mais uma vez notamos a diferença entre os livros lidos quando comparamos os alunos do início do curso e do final; o aumento é visível quando olha os livros acadêmicos. Porém, ao analisar o gráfico notamos que a quantidade de alunos que disseram ler livros acadêmicos é maior na turma do meio do curso que a do final do curso, o que nos permite reafirmar que o ingresso na vida acadêmica causa uma variação na vida de leitor dos alunos (perceba que a quantidade de romances citados vai diminuindo ao longo dos anos). No entanto, essa variação não é tão notável quanto a que acontece entre os alunos do primeiro período e os do meio do curso. Muitos outros gêneros foram citados pelos alunos, mas no total eles não chegaram a ser citados mais de 2 vezes então decidimos não os colocar no gráfico.

Procuramos saber também se os alunos liam livros acadêmicos além dos indicados pelos professores, os resultados estão no próximo gráfico.

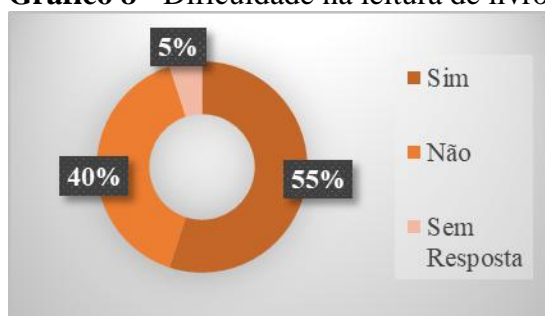
Gráfico 7 - Média de livros acadêmicos lidos sem indicação do professor



Fonte: Elaboração dos autores

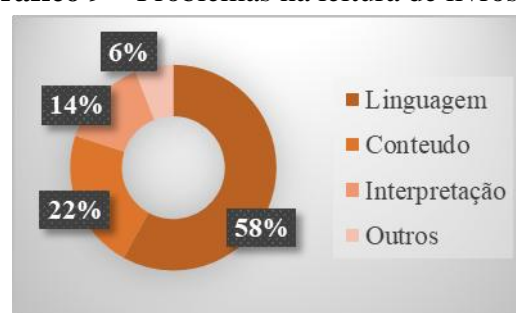
Analisando os resultados desse gráfico notamos algo diferente do que se vem mostrando nos gráficos anteriores. A diferença das médias de livros lidos entre os alunos iniciantes e os concluintes é muito pequena, para perceber alguma diferença precisamos comparar os dados de outra maneira. Entre os alunos iniciantes que disseram que liam livros por iniciativa própria a frequência era 1 ou 2 livros lidos; a grande maioria afirmou que não liam nenhum livro. Nos alunos concluintes, metade deles informaram que não liam livros fora os indicados pelos professores; mas dos que afirmaram ler, a frequência era entre 3 e 4 livros lidos. Na turma de alunos do meio do curso, poucos disseram não ler nenhum livro e a grande maioria lia 1 ou 2 livros.

Gráfico 8 - Dificuldade na leitura de livros



Fonte: Elaboração dos autores

Gráfico 9 – Problemas na leitura de livros⁸



Fonte: Elaboração dos autores

O problema mais frequente para os alunos ao entrar em contato com uma leitura acadêmica é a linguagem - 21 alunos citaram a linguagem como o maior problema. Esse problema foi mencionado por alunos dos três grupos, tanto a forma como são escritos quanto as palavras usadas foram argumentos usados pelos alunos para apontar o problema de linguagem. O conteúdo, citado 10 vezes, aparecia sempre acompanhado de uma menção a

⁸ Acadêmicos.

livros de políticas, na sua maioria alunos do primeiro período, mas que também foi citado por dois alunos dos períodos posteriores. Por último, foram citados problemas de interpretação.

Na última pergunta, queríamos saber a opinião dos alunos se eles acreditavam que a vida acadêmica contribuía para sua formação como leitor, 10 alunos falaram que não contribuía, os outros 65 acreditavam que de alguma forma seu hábito de ler estava sendo beneficiado pelo contato frequente com livros e artigos.

A análise dos dados revelou que nos dois primeiros anos existe sim uma variação enorme no hábito de leitura, o aumento chega a ser quase metade do quantitativo de livros lidos quando comparamos os alunos do início do curso com os alunos que já ingressaram há algum tempo, porém essa mudança deixa de ser tão grande quando os esses alunos do meio do curso são comparados com a turma de formandos, na verdade em alguns casos os alunos do meio do curso mostraram ler mais que a turma de formandos, o que nos permite falar que ao ingressar na faculdade os alunos se encontram com um universo que exige maior tempo de leitura deles, eles vão precisar ler uma quantidade de livros maior para poder compreender e aprender o que se espera deles, mas que ao alcançar essa quantidade necessária de leitura eles não se sentem motivados para ler mais.

Considerações Finais

Consideramos a alfabetização o alicerce da vida educacional de uma pessoa; todo seu caminho como aluno dependerá de como aconteceu sua alfabetização. O contato desde o início das crianças com materiais de leitura presentes no seu meio social irá produzir jovens e adultos familiarizados com a utilização das linguagens de sua sociedade e isso irá se refletir até depois da sua vida acadêmica.

Sabendo então que a leitura e escrita são fundamentais para a formação acadêmica decidimos analisar como está o hábito de leitura dos estudantes do curso de Pedagogia da UFS, tendo em vista que esses estudantes serão os futuros alfabetizadores do estado de Sergipe, e seguindo essa linha verificar também a influência que a universidade tinha na formação de leitores desses estudantes.

Neste artigo tivemos uma visão de como estão os hábitos de leitura dos estudantes de Pedagogia, são estudantes que leem em média quase 6 livros por ano, sendo que aproximadamente 2 desses livros são livros acadêmicos. Eles entram na faculdade lendo menos que isso e logo nos primeiros anos o número de livros lidos sobe visivelmente, quase 50%, mas que do meio para o final do curso esse aumento deixa de acontecer. Mais da metade

desses alunos tem alguma dificuldade com os livros utilizados pelos professores, os problemas com o conteúdo e principalmente com a linguagem presente nesses livros são os mais comuns, mas que apesar das dificuldades a grande maioria afirma positivamente e os dados apresentados nesse trabalho comprovam que o quantitativo de leituras na universidade contribui para a formação de estudantes leitores.

Referências

- ALFABETIZAÇÃO. **Dicionário Aurélio de Português Online**. Disponível em: <<https://dicionarioaurelio.com/alfabetizacao>>. Acesso em: 05 set. 2017.
- ALLIEND, Felipe. **A Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BARRETO, Angela Maria. **Memória e leitura: as categorias da produção de sentidos**. Salvador: EDUFBA, 2006
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2007.
- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KLEIMAN, Angela. Modelos de Letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995. p. 15-64.
- LOPES, Janine Ramos. **Caderno do educador: alfabetização e letramento**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.